

“Bandido não carrega mochila”: visada de captação e articulações do fazer-sentir em discursos jornalísticos sobre um caso de violência policial¹

“A bandit does not carry a backpack”: targeting of capturing and articulations of make-feel in journalistic discourses about a case of police violence

Rafael de Castro MONTANDON²
Nara Lya Cabral SCABIN³

Resumo

O trabalho propõe uma análise discursiva da cobertura realizada pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Extra* acerca da morte de um estudante no Complexo da Maré em junho de 2018. A tragédia ocorreu durante uma operação policial, gerando forte repercussão midiática, inclusive internacionalmente. O artigo discute a utilização de recursos dramatizantes na cobertura jornalística atrelados ao objetivo de atrair a atenção do público segundo uma “visada de captação” (CHARAUDEAU, 2010). O exame das matérias em foco evidencia estratégias discursivas que implicam na concessão de destaque a detalhes que, a despeito da baixa relevância informativa, cumprem intenções relacionadas ao domínio do *pathos*.

Palavras-chave: Jornalismo. Discurso. Violência. Dramatização. *Pathos*.

Abstract

The paper proposes a discursive analysis of the coverage made by the newspapers *Folha de S. Paulo*, *O Globo* and *Extra* about the death of a student at Complexo da Maré in June 2018. The tragedy occurred during a police operation, generating strong media repercussions, including internationally. The present work discusses the use of dramatizing resources in journalistic coverage, which are linked to the objective of attracting the attention of the public according to a “targeting of capture” (CHARAUDEAU, 2010). The examination of journalistic articles in focus shows discursive strategies that involve the prominence of details that, despite the low informative relevance, fulfill intentions related to a *pathos* domain.

Keywords: Journalism. Discourse. Violence. Dramatization. *Pathos*.

¹ Versão revista e modificada de um trabalho apresentado nos Anais do 8º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2018.

² Graduando de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Bolsista PIBIC/AM de Iniciação Científica. E-mail: rafaelmontandon@hotmail.com

³ Pós-doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Integrante do Mi-diAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas. E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br

Introdução

Por volta das 9h do dia 20 de junho de 2018, a Polícia Civil, com apoio logístico do Exército, iniciou uma operação no Complexo da Maré. Os agentes visavam ao cumprimento de 23 mandados de prisão e a obter informações associadas à morte de um inspetor da Delegacia de Combate às Drogas.

Com atuação ostensiva de helicópteros, cujos disparos foram identificados no chão, gravados e relatados por testemunhas, a operação não atingiu o objetivo. Nenhum mandado foi cumprido e, no total, sete pessoas foram mortas. Dentre as vítimas, estavam seis suspeitos e um estudante.

Marcos Vinícius da Silva tinha 14 anos. Na manhã do dia 20, ele caminhava em direção à escola. Ao notar o tiroteio, resolveu voltar para casa. Enquanto voltava, entretanto, foi atingido nas costas por um disparo.

O caso teve enorme repercussão, chegando inclusive a ser noticiado pelo jornal britânico *The Guardian* (PHILLIPS, 21/06/2018). A atenção atraída, contudo, não é tão comum ante a reincidência desse cenário. Só em janeiro de 2018, houve 66 mortes em operações policiais, de acordo com um balanço publicado pelo jornal *O Globo* (SOARES, 02/02/2018). No primeiro mês daquele ano, segundo levantamento feito pelo aplicativo Fogo Cruzado, foram registrados 688 tiroteios e disparos de arma de fogo na região metropolitana do Rio de Janeiro (ANDRADE, 01/02/2018).

Indo além, na própria manhã de 20 de junho de 2018, outro adolescente, Guilherme Henrique Pereira, morreu ao ser atingido por arma de fogo⁴, e a cobertura do caso, em algumas matérias, como veremos, tem como “gancho” a morte de Marcos Vinícius – sem atingir, no entanto, a mesma repercussão.

De 2018 para cá, levantamentos indicam a manutenção dessa realidade: no período de doze meses entre maio de 2019 e 2020, quatro pessoas com menos de 14 anos morreram em contextos de operação policial no Rio de Janeiro. Entre 2007 e 2020, foram 69 casos de crianças vitimadas por arma de fogo em situação de violência no Rio,

⁴ Guilherme Henrique Pereira foi morto por bala perdida (O GLOBO, 22/06/2018). Citamos o episódio aqui pela coincidência da data e pela relação estabelecida entre as duas mortes em parte da cobertura jornalística.

segundo a ONG Rio de Paz. Grande parte desses episódios ocorreu durante operações policiais (FRANCO, 20/05/2020).

Considerando esse cenário e a atual conjuntura de ampliação das condições em que é possível ter uma arma de fogo no Brasil⁵, este trabalho propõe analisar discursivamente a cobertura dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Folha de S. Paulo* durante os sete dias posteriores à morte de Marcos Vinícius da Silva.

Ao mesmo tempo em que o caso parece constituir, pela repercussão que adquiriu, um ponto fora da curva no que diz respeito à representação midiática da violência urbana (e, sobretudo, policial) no Rio de Janeiro e em periferias e favelas de grandes cidades brasileiras, sua análise mostra-se relevante à compreensão das articulações discursivas engendradas na cobertura jornalística brasileira acerca de um tipo de tragédia que se repete cotidianamente nesses espaços sociais.

Em relação aos critérios que sustentam a escolha dos veículos em foco, priorizamos dois dos principais veículos do chamado “jornalismo de referência”⁶ no eixo Rio-São Paulo, *Globo* e *Folha*. Essa escolha possibilita a inclusão, no *corpus* de pesquisa, de matérias publicadas por um tradicional jornal do Rio de Janeiro, para o qual o caso Marcos Vinícius constitui uma pauta local; com a *Folha*, é possível verificar como o acontecimento é tratado segundo uma chave que extrapola a cobertura de fatos locais, tendo em vista a visibilidade que o caso adquiriu nacionalmente.

Complementarmente, e de maneira comparativa, buscamos também analisar como se deu a cobertura do episódio em um veículo guiado por um “contrato de comunicação” distinto (CHARAUDEAU, 2010), nomeadamente, um contrato de comunicação no qual se prevê um receptor imaginado pertencente a camadas populares. Para tanto, elegemos o jornal *Extra*, do Rio de Janeiro, que destinou espaço significativo a matérias sobre a morte de Marcos Vinícius da Silva.

Após a definição dos veículos cuja cobertura focalizamos neste trabalho, a deli-

⁵ Como efeito das portarias e decretos assinados pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, a emissão de documentos pela Polícia Federal para posse de novos armamentos subiu 205% durante o primeiro semestre de 2020 em comparação ao mesmo período de 2019; em algumas localidades, o crescimento foi maior, chegando a 1400% no Distrito Federal (ALESSI, 27/07/2020).

⁶ Segundo pesquisa de Angela Zamin (2014), embora não se trate de elementos consensuais, há características gerais que costumam ser associadas ao jornalismo de referência por pesquisadores que se debruçam sobre o tema, tais como: gozar de prestígio e tradição; voltar-se para a economia, assuntos internacionais e política, com ênfase nesta última; pressupor, como público, leitores competentes do mundo público; possuir índices elevados de tiragem e circulação; e conceder importância e espaço significativos para artigos opinativos (ZAMIN, 2014).

mitação do *corpus* de análise passou pela determinação da relevância das matérias localizadas sobre o caso, conforme critérios qualitativos. Para tanto, levamos em conta a presença de elementos que ultrapassassem detalhes meramente factuais – como, por exemplo, citações e imagens de conteúdo emocional e desvios no enfoque. No total, foram analisadas três matérias do jornal *O Globo*, três da *Folha de S. Paulo* e doze do *Extra*. A análise dos textos pautou-se por conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, como veremos a seguir.

Restrições discursivas à luz de “fazer-saber” e “fazer-sentir”

Com base em construtos teóricos da Análise do Discurso, este artigo parte da premissa de que a construção das matérias jornalísticas analisadas passa por processos de seleção e interdição de vozes que, como em toda atividade enunciativa, atuam produzindo restrições apoiadas nas regras determinadas pelo atravessamento por formações discursivas diversas (FOUCAULT, 2012, 2016). Essa perspectiva, que será fundamental ao curso deste artigo, permite-nos compreender os modos pelos quais o campo jornalístico organiza e hierarquiza os discursos sociais, distribuindo desigualmente o direito à palavra nas representações do debate público engendradas nos dispositivos midiáticos.

Como o poder, em sentido foucaultiano, é considerado sempre em sua dimensão *produtiva*, enunciados e discursos configuram, no limite, o produto de *interdições* constitutivas historicamente inscritas. Em sentido estrito, a interdição pode ser entendida ainda como procedimento de exclusão de discursos: “Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar” (FOUCAULT, 2016, p. 9).

Nesse sentido, o processamento das restrições que conformam a produção jornalística, assim como as implicações dos processos de seleção de ditos no universo midiático, pode ser considerado à luz das dinâmicas discursivas que constituem a “máquina midiática”, conforme descritas por Charaudeau (2010). Assim, ao tratar da forma como são escolhidas as vozes que serão reproduzidas – seja em discurso direto, indireto ou narrativizadas –, o autor propõe um mecanismo de seleção que atua a partir de quatro efeitos: de decisão, de saber, de opinião e de testemunho.

O primeiro diz respeito a locutores com poder de decisão – como, por exemplo,

um parlamentar. O segundo se refere a fontes com autoridade intelectual em determinado assunto. O terceiro, por sua vez, relaciona-se a ditos que expressam julgamentos ou apreciações. Por último, o quarto engloba os ditos que provêm de testemunhas do fato. Nas palavras do autor, “o problema da seleção é saber se o organismo de informação quer produzir de si uma imagem institucional (efeito de decisão), democrática (efeito de opinião) ou populista (efeito de testemunho)” (CHARAUDEAU, 2010, p.170).

Também é decisiva à seleção, organização e hierarquização de ditos no discurso jornalístico a distinção entre duas lógicas (em geral, indissociáveis) que determinam o funcionamento da máquina midiática: uma ligada à sua dimensão enquanto organismo especializado a serviço da demanda democrática por informação; a outra, ligada à sua configuração enquanto empresa, que obedece a preceitos comerciais. É essa “dupla visada”, segundo Charaudeau (2010), o que caracteriza a finalidade do contrato de comunicação midiático e, mais especificamente, jornalístico. Correlatas às duas lógicas descritas pelo autor, colocam-se a finalidade informativa – que consiste em “fazer saber” – e a finalidade *pathos* – destinada a “fazer sentir”. A primeira se relaciona com a lógica democrática, enquanto a segunda diz respeito a uma lógica comercial.

No que se refere à primeira finalidade (*fazer-saber*), a instância de recepção é tida como intelectual, ou seja, capaz, de formular opiniões que resultem de julgamentos apoiados na razão. Em relação à segunda finalidade (*fazer-sentir*), a máquina midiática, a fim de cumpri-la, formula estratégias direcionadas a receptores imaginados como afetivos. No segundo caso, os discursos jornalísticos anseiam inspirar emoções e ensejar as chamadas apreciações – reações imediatas e alheias à razão.

Não obstante seja impossível dissociar a influência das duas finalidades na produção discursiva da imprensa, é possível, para além de sua diferenciação analítica, identificar prevalências e tendências variáveis na materialidade empírica dos discursos jornalísticos em virtude tanto de particularidades assumidas pelo contrato de comunicação midiático em veículos distintos quanto de modulações implicadas na representação de temas e fatos específicos da cobertura em face de discursos circulantes que expressam expectativas, cristalizam valores e definem julgamentos (CHARAUDEAU, 2010).

Por tudo isso, é fundamental lembrar que as representações construídas pela imprensa acerca da realidade social são sempre *reapresentações* do mundo. Assim, Charaudeau (2010) define como “processo evenemencial” o percurso que inclui *modificação*, *percepção* e *significação*. Para entender a primeira etapa, é necessário ter em mente

que o acontecimento a que se refere o autor é tomado em sua modalidade acidental, ou seja, o acontecimento em estado bruto resulta de uma modificação do comum. Na segunda etapa, é necessário que o sujeito perceba a modificação ocorrida; mais do que isso, “é preciso que alguém perceba o que, nele [no acontecimento], provoca o efeito de ‘saliência’ na uniformidade do mundo (de que serve a chuva que cai se ninguém percebe esse fenômeno?)” (CHARAUDEAU, 2010, p.100). A terceira etapa, finalmente, diz respeito à significação dessa modificação, desde que esta seja digna de interesse social.

Em síntese, o percurso do processo evenemencial descrito por Charaudeau (2010) compreende a transformação de um “mundo a significar” em um “mundo significado”. Com essa perspectiva teórica como pano de fundo das reflexões propostas, as próximas páginas dedicam-se a compreender as estratégias discursivas engendradas nas re(a)apresentações construídas na cobertura jornalística acerca da trágica morte de Marcos Vinícius da Silva em junho de 2018 – acontecimento cuja passagem de *mundo a significar* a *mundo significado* é viabilizada pelo acionamento de recursos dramatizantes ligados, principalmente, como veremos, à finalidade de *fazer-sentir* do contrato de comunicação midiático.

Análise discursiva da cobertura jornalística

Em 20 de junho de 2018, o *Globo* publicou a notícia “Morre jovem baleado durante tiroteio no Complexo da Maré”; em sua linha-fina, lê-se: “Marcos Vinicius da Silva, de 14 anos, foi atingido a caminho da escola” (O GLOBO, 20/06/2018, *online*). O texto não apresenta muitas informações acerca do caso, o que é justificável tendo em conta o curto intervalo entre a publicação e o acontecimento em si; não obstante, há alguns elementos interessantes à análise.

O principal deles gira em torno da constante reiteração do destino da vítima: a escola. A informação aparece na linha-fina, na legenda da primeira imagem (uma foto da vítima com um amigo, aparentemente na escola) e no primeiro parágrafo: “Ele foi atingido na barriga quando estava a caminho da escola, por volta das 8h da manhã” (O GLOBO, 20/06/2018, *online*).

Em termos de relevância informativa, o destino do adolescente não se antepõe a outros dados a ponto de ser citado três vezes antes de se chegar ao segundo parágrafo. A insistência parece atender, portanto, a motivos que não se destinam à finalidade infor-

mativa (fazer-saber), mas sim, ao inusitado do fato e à sua dimensão emotiva. Para isso, o texto constrói um ambiente dramático no qual surgem duas imagens que se antagonizam: de um lado, a educação, afigurada como vítima; de outro, a violência institucionalizada, que toma o papel de algoz.

Adiante, outro ponto que merece destaque é a preocupação em dar voz aos pais da vítima, em que pese o breve decurso de tempo entre a morte e a publicação. O dito, contudo, não vem diretamente dos pais do adolescente – o jornal ouviu a coordenadora da 4ª Coordenadoria Regional da Educação (CRE), Fátima Barros. Em discurso indireto, o texto traz, novamente, uma informação cuja relevância estritamente informativa pode ser questionada: “os pais do adolescente contaram que ele acordou atrasado e que, por isso, não estava na escola no momento do confronto” (O GLOBO, 20/06/2018). Com isso, o texto destaca o infeliz acaso de um pequeno detalhe que precedeu a tragédia, e desloca-se a intenção para o fazer-sentir (finalidade *pathos*).

A seguir, nos deparamos com uma imagem de forte teor emocional. A mãe da vítima, de costas, segura a camiseta ensanguentada de seu filho. Em todo o texto, só encontramos a informação de que o estudante foi vítima de uma bala perdida na legenda dessa fotografia. Não há outra menção à causalidade do tiro. A matéria se encerra com uma descrição sobre a operação policial. Há informações detalhadas sobre as apreensões e as outras fatalidades. Não há, por outro lado, qualquer pronunciamento da polícia a respeito da tragédia.

Em 27 de junho de 2018, o *Globo* publicou notícia intitulada “Centenas de alunos da Maré abraçam Ciep onde estudava adolescente morto em ação da polícia”; em sua linha-fina, lê-se: “Ato pela paz reuniu crianças de 44 escolas municipais. Marcos Vinicius morreu quando ia para o colégio” (GALDO, 27/06/2018, *online*). Abaixo do título e da linha-fina, uma grande foto retrata a família da vítima se abraçando, e o plano de fundo é composto de cartazes de protesto segurados por diversas pessoas.

Em seguida, o jornal traz uma citação, em discurso direto, da mãe da vítima. “Tenho esperança de que algo vai mudar. A morte do meu filho não pode ter sido em vão. Vou lutar por isso. Tenho Silva no nome. E Silva é um nome de força” (GALDO, 27/06/2018, *online*). O interessante do relato desse dito é a posição que ele toma no texto (o terceiro parágrafo) – que, tendo em vista a organização seguindo critérios clássicos de hierarquização noticiosa, privilegia informações consideradas importantes –, bem como a forma com a qual é apresentado: “Ela [mãe da vítima] lembrou outras crianças

mortas em confrontos em comunidades do Rio” (GALDO, 27/06/2018, *online*). A asserção, no entanto, não condiz com o conteúdo do dito.

Ademais, o texto detalha os cartazes e a levada do protesto. Nesse ponto, há, novamente, preocupação em dar voz à coordenadora de educação Fátima Barros. O relato, em discurso indireto, com algumas evocações, enaltece o protesto e retoma, de novo, pronunciamentos negativos acerca da situação da educação, vítima declarada da violência: “Fátima lembrou que, apenas este ano, a região ficou quatro dias inteiros sem aulas por causa da violência” (GALDO, 27/06/2018, *online*).

Ao tratar da situação dos colegas que estudavam com a vítima, a matéria se aprofunda em detalhes claramente alheios à finalidade informativa e destinados a despertar sentimentos nos leitores. Em discurso direto, a oportunidade dada a uma amiga do adolescente traz conteúdo emocional tanto na citação em si (“Ele tinha dito que nunca ia me abandonar”), quanto nos adjuntos adnominais que caracterizam a personagem (“disse a menina, que perdeu o pai num tiroteio quando ela tinha 3 anos de idade”) (GALDO, 27/06/2018, *online*).

O final da matéria evoca outra tragédia, que coincide em alguns pontos com a de Marcos Vinícius, mas difere no essencial. A vítima se chamava Guilherme Henrique Pereira e, apesar de ter sido morta também por bala perdida e no mesmo dia, não estava a caminho da escola. Ainda assim, o texto faz questão de trazer ao menos uma menção que remete à educação: “Segundo os pais, Guilherme também usava uniforme escolar [...] quando homens passaram atirando de um carro” (GALDO, 27/06/2018, *online*).

Na *Folha de S. Paulo*, foram encontradas similaridades em relação às estratégias discursivas adotadas pelo *Globo*. A primeira matéria localizada foi publicada no dia 21 de junho, dia seguinte à morte do adolescente. O título cita a mãe da vítima em discurso direto, com palavras emocionalmente potentes: “‘Bandido não carrega mochila’, diz mãe de aluno de 14 anos morto no Rio” (BARBON, 21/06/2018, *online*). A linha-fina, como de costume, evidencia a referência ao campo semântico da educação.

A escolha da imagem, de larga escala, utilizada logo abaixo da linha-fina, mostra a mesa de apreensões policiais, carregada de armamento pesado e munições. Tecnicamente, não há qualquer relação com o enfoque da matéria, haja vista que o escopo principal é a morte do adolescente, e não a operação policial em si. O que a imagem traz ao leitor, contudo, é a retratação da violência, cujo pano de fundo é um banner da Polícia Civil. Novamente, vemos o embate entre educação e violência policial sendo utilizado

de forma dramatizada no discurso jornalístico.

Foram reunidos ditos da mãe da vítima, da polícia, de familiares e até do atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. Quanto aos ditos dos familiares, um dos primos da vítima é citado em discurso direto, lamentando o fato de Marcos ter trocado de escola: “Se ele não tivesse mudado não tinha morrido” (BARBON, 21/06/2018, *online*). Nota-se, novamente, a preocupação em sublinhar a consequência de pequenos detalhes, também presente nas menções ao atraso do menino naquela manhã, o que, além dos efeitos já citados, gera uma universalização do acontecimento: o leitor se identifica com a vítima, pois qualquer um está sujeito ao acaso; assim, as atenções se deslocam para assuntos alheios à tensão social da tragédia.

A encenação dramática do acontecimento tem início no primeiro parágrafo. Em um jogo de contrastes que sucede o antagonismo do título e da imagem, o texto utiliza informações aleatórias a fim de acentuar a fragilidade da vítima e esclarecer sua condição econômica. “O edifício tem 68 anos, ele só tinha 14. O edifício fica na zona sul, ele morava na zona norte do Rio de Janeiro. O edifício tem paredes que lembram mármore, ele dormia em uma casa de tijolos à mostra, no mesmo cômodo que os pais e a irmã” (BARBON, 21/06/2018, *online*). Tal estratégia narrativa é correlata de técnicas recorrentes em trabalhos literários e roteiros de cinema e remete ao que escreve Charaudeau (2010) a propósito da cobertura dos atentados às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001: segundo o autor, as reportagens reuniam elementos de dois tipos de roteiros, nomeadamente, os das *reportagens propriamente ditas* e os dos *filmes catástrofes*.

Em 22 de junho, a Folha publicou texto intitulado “Menino morto na Maré foi atingido pelas costas, diz laudo da perícia” (VETTORAZZO, 22/06/2018, *online*). A imagem utilizada retrata a mãe da vítima, segurando o uniforme ensanguentado, que, segundo a própria fonte, tornou-se sua bandeira.

Apesar de a matéria se referir a um laudo que indica a horizontalidade do tiro, o texto logo retoma informações sobre a utilização de helicópteros em operações policiais. Para isso, utiliza o dito de moradores do local – “Segundo moradores da maré, policiais efetuaram grande quantidade de disparos de dentro da aeronave” – e detalha ações da Defensoria Pública que visavam a elidir o uso de helicóptero em novas operações.

Achados interessantes estão em outro texto da *Folha* analisado, que trata de uma declaração da Delegacia de Homicídios (DH) do Rio, que afirmou que faria uma reconstituição da morte de Marcos Vinícius. Na matéria, em contraposição às demais analisa-

das, a vítima não é chamada de “adolescente”. São utilizados os termos “estudante” e “menino”. Quanto às acusações de que o disparo fatal teria sido feito pela polícia, as alegações são atribuídas aos familiares e a uma testemunha, em discurso indireto. Há, também, menções aos detalhes claramente negativos da operação – a existência de 23 mandados de prisão e o desfecho com sete mortes e nenhuma prisão.

A imagem escolhida, que retrata Marcos Vinícius sorridente e sem uniforme, é acompanhada de legenda que relembra o destino da vítima: “morto enquanto ia para a escola no Rio” (FOLHA DE S. PAULO, 25/06/2018, *online*). Adiante, o texto se dedica a assuntos concernentes às demais mortes que ocorreram durante a operação. Há, inclusive, o relato, em discurso direto e indireto, da acusação feita pela ONG Redes da Maré, segundo a qual os policiais teriam limpo a cena das mortes.

No caso do jornal *Extra*, diante do grande número de achados e considerando a evidente limitação espacial deste artigo, não seria possível descrever aqui, individualmente, cada uma das matérias analisadas. Por esse motivo, os exemplos examinados são ilustrativos de características recorrentes nos diversos textos do *corpus*.

Assim, um primeiro dado da cobertura que deve ser destacado diz respeito ao fato de que a cobertura do caso Marcos Vinicius parece representar, no veículo, uma espécie de “gancho” a partir do qual a morte do jovem Guilherme Henrique Pereira é focalizada, recebendo visibilidade e relevância significativas.

Uma diferença significativa entre os enfoques conferidos aos dois casos, no entanto, diz respeito à preocupação em relatar o destino da vítima. No caso de Marcos, praticamente todos os textos deixaram claro, em pontos de destaque, que o adolescente ia à escola. Ao cobrir o caso de Guilherme, por outro lado, uma notícia do *Extra* de 22 de junho de 2018 cita o destino do jovem apenas ao final do segundo parágrafo: “Ele estava indo cortar o cabelo” (EXTRA, 22/06/2018, *online*).

Entre as similaridades, por outro lado, há uma que se destaca. Em discurso direto, a referida matéria do *Extra* relata um dito do pai da vítima. Em seu conteúdo, há lamentações acerca dos pequenos detalhes que culminaram com a morte do adolescente: “[Guilherme] Foi em uma barbearia perto da nossa casa, mas estava fechada. Decidiu ir em outra, um pouco mais longe, que também estava fechada” (EXTRA, 22/06/2018, *online*). Essa estratégia, assim como no caso de Marcos – tanto no que diz respeito ao atraso do estudante quanto à troca de escola em virtude da bagunça –, tem como efeito de sentido uma sugestão de indignação diante das nuances da sorte e do poder do acaso.

Para além desses aspectos, os textos do *Extra*, de maneira geral, reafirmam alguns pontos verificados por meio da análise dos discursos dos demais veículos. Predomina o termo “adolescente” para se referir à vítima, sendo “menino” utilizado em um título cujo texto não menciona a idade da vítima, e “estudante” em outro que não relata o destino de Marcos à hora da tragédia. Há vários registros de discurso alheio relatado, a maioria em discurso direto, sobretudo dos pais do adolescente; o conteúdo dos ditos ora envolve pequenos detalhes do acontecimento, ora se volta contra a atuação da polícia, em tom de revolta: segundo a mãe da vítima, “é o Estado que põe nas ruas esses policiais doentes psicologicamente e fisicamente que olham para uma criança com uma mochila e acham que é carregamento de armas ou drogas” (RIBEIRO, 21/06/2018, *online*).

Ainda em relação à seleção de ditos e suas formas de relato, observemos individualmente o texto que trata das reuniões que sucederam à tragédia (BARTONELLI, 25/06/2018). Em seu conteúdo, o discurso traz algumas citações. Com exceção de um dito do delegado Fábio Barucke, Diretor das Delegacias da Capital, todas as vozes pertencem a integrantes de grupos de direitos humanos e ao deputado estadual Marcelo Freixo, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Alerj.

Outro ponto que merece destaque individual se encontra no texto intitulado “Protesto pela morte de jovem em operação na Maré termina em troca de tiros” (GASPARINI, 21/06/2018, *online*). Logo abaixo do título, há uma imagem de um grupo com cerca de dez policiais reunidos ao lado de alguns veículos de aparência militar. Essa proximidade na diagramação do texto relaciona, quase exclusivamente, o tiroteio com os policiais, salvo pela pequena legenda, que introduz o outro lado: “PMs e manifestantes trocaram tiros [...]” (GASPARINI, 21/06/2018, *online*).

Percebe-se, portanto, que a tendência a privilegiar a seleção de ditos provenientes de locutores ligados à defesa de direitos humanos se mantém. Também se nota a continuidade da utilização de recursos que relacionam a violência à atuação policial. Por outro lado, uma diferença significativa identificada na cobertura do *Extra* em relação às matérias dos demais veículos analisados diz respeito à ausência de alusões à educação, que, nas outras publicações, é constantemente afigurada como vítima da violência, especialmente da violência policial.

Considerações finais

Ao longo do artigo, buscamos evidenciar a existência de pontos comuns à cobertura construída pelos três veículos analisados (*O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Extra*) acerca da morte do jovem Marcos Vinícius da Silva, em 20 de junho de 2018, no Rio de Janeiro. Merecem destaque as confluências no que diz respeito à adoção de estratégias discursivas ligadas a uma *dramatização* do acontecimento.

Como vimos, a “finalidade ambígua” do contrato de comunicação midiático atua como importante estratégia de construção (e, portanto, restrição) discursiva no contexto da máquina midiática (CHARAUDEAU, 2010). No caso das matérias analisadas, é possível identificar a utilização de recursos que visam a infundir emoções no receptor, guiando-se de forma predominante pela finalidade *pathos*.

Dentre os recursos utilizados, destaca-se uma encenação discursiva que, constantemente, antagoniza educação e violência (novamente, em especial, a violência policial) por meio de referências repetitivas ao destino da vítima e das chamadas *imagens-sintomas*, representadas, principalmente, pelas fotografias que incluem o uniforme ensanguentado, utilizado como bandeira pela mãe da vítima, e por retratos que ligam a polícia a objetos alusivos à violência. Como aponta Charaudeau (2010), essas fotografias são dotadas de efeitos remissivos: trata-se, nesse sentido, de imagens que detêm o poder de remeter a outras imagens.

As fotografias que aludem à violência policial, presentes nas publicações analisadas, compõem uma galeria que se tornou lugar-comum àqueles que vivem em comunidades do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades brasileiras. Grupos de agentes policiais fortemente armados próximos a veículos que lembram máquinas de guerra, familiares da vítima em prantos amparados por manifestantes e o sangue maculando as vestes infantis: dotados de forte teor emocional, esses retratos compõem no discurso jornalístico como estratégias de articulação narrativa, condensando uma função de *fazer-sentir* que supera textos estritamente factuais em termos da capacidade de captação do olhar do leitor.

Outro aspecto presente em parte do *corpus* analisado também contribuiu à dramatização do discurso: através de citações provenientes dos pais e de um dos primos de Marcos Vinícius, as matérias apresentam referências a pequenos detalhes que parecem

contribuir à tragédia – o atraso do adolescente naquela manhã e o fato de ter mudado de escola devido ao comportamento bagunceiro. Do ponto de vista de premissas estritamente informativas do *hard news*, esses dados beirariam a irrelevância; se considerarmos, contudo, os princípios da finalidade *pathos* do contrato de comunicação midiático e sua intenção de *fazer-sentir*, nota-se o papel desempenhado por tais referências.

Por fim, com base nos dados recuperados no início deste artigo e na própria repercussão do caso de Guilherme Henrique Pereira, a morte de crianças e adolescentes em comunidades no Rio de Janeiro não é algo exatamente incomum. Nesse sentido, podemos indagar, diante das etapas do *processo evenemencial* descrito por Charaudeau (2010), porque o caso de Marcos Vinícius adquiriu visibilidade tão significativa na cobertura jornalística.

O que torna esse caso uma *modificação* saliente e socialmente relevante, a ponto de ser relatado extensivamente pelas mídias, não é o acontecimento em si, mas sim, as circunstâncias que o cercam e complementam: os pequenos detalhes que compõem a dramatização do fato, as implicações resultantes da utilização de helicópteros em operações policiais, o destino e o traje da vítima, que ensejou uma encenação de combate entre violência e educação, a reação forte e determinada da mãe, que protagonizou fotos impressionantes, na acepção do termo, e assumiu uma posição de protesto. Verifica-se, portanto, uma reunião entre diferentes fatores que edificam uma aura insólita ao redor da morte – tragicamente à beira da previsibilidade – de mais um adolescente nas comunidades do Rio de Janeiro.

Referências

ALESSI, Gil. “Registro de novas armas no Brasil explode em 2020 em meio à alta de homicídios”. **El País Brasil**, São Paulo, 27/07/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-27/numero-de-novas-armas-registradas-no-brasil-explode-em-2020-em-meio-a-alta-de-homicidios.html>. Acesso em: 03 Set. 2020.

ANDRADE, Hanrikson de. “Fogo Cruzado: Rio fecha 1º mês do ano com 688 tiroteios e média de 22 por dia”. **Uol**, São Paulo, 01/02/2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/01/fogo-cruzado-rio-fecha-janeiro-com-688-tiroteios-e-media-de-22-por-dia.htm>. Acesso em: 03 Set. 2020.

BARBON, Júlia. “Bandido não carrega mochila', diz mãe de aluno de 14 anos morto no Rio”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21/06/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/mae-de-aluno-morto-na-mare-mostra>

uniforme-com-sangue-bandido-nao-carrega-mochila.shtml.Acesso em: 03 Set. 2020.

BARTONELLI, Elis. “Polícia Civil fará reuniões periódicas para estudar uso de helicópteros em ações policiais”. **Extra**, Rio de Janeiro, 25/06/2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-civil-fara-reunioes-periodicas-para-estudar-uso-de-helicopteros-em-acoes-policiais-22817602.html>. Acesso em: 03 Set. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

EXTRA. “Adolescente morto após ser atingido por bala perdida na Vila Vintém é enterrado”. **Extra**, Rio de Janeiro, 22/06/2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/adolescente-morto-apos-ser-atingido-por-bala-perdida-na-vila-vintem-enterrado-22812975.html>. Acesso em: 03 Set. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. “Polícia fará reconstituição da morte de menino de 14 anos em favela do Rio”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25/06/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/policia-fara-reconstituicao-da-morte-de-menino-de-14-anos-em-favela-do-rio.shtml>. Acesso em: 03 Set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANCO, Luiza. “Caso João Pedro: quatro crianças foram mortas em operações policiais no Rio no último ano”. **BBC News Brasil**, São Paulo, 20/05/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>. Acesso em: 03 Set. 2020.

GALDO, Rafael. “Centenas de alunos da Maré abraçam Ciep onde estudava adolescente morto em ação da polícia”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27/06/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/centenas-de-alunos-da-mare-abracam-ciep-onde-estudava-adolescente-morto-em-acao-da-policia-22825937>. Acesso em: 03 Set. 2020.

GASPARINI, Letícia. “Protesto pela morte de jovem em operação na Maré, termina em troca de tiros”. **Extra**, Rio de Janeiro, 21/06/2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/protesto-pela-morte-de-jovem-em-operacao-na-mare-termina-em-troca-de-tiros-22805132.html>. Acesso em: 03 Set. 2020.

O GLOBO. “Morre jovem baleado durante tiroteio no Complexo da Maré”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20/06/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/morre-jovem-baleado-durante-tiroteio-no-complexo-da-mare-22804872>. Acesso em: 03 Set. 2020.

O GLOBO. “Adolescente morto após ser atingido por bala perdida na Vila Vintém é enterrado”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22/06/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/adolescente-morto-apos-ser-atingido-por-bala-perdida-na-vila-vintem-enterrado-22812950>. Acesso em: 03 Set. 2020.

PHILLIPS, Dom. “Brazilian teenager dies after police helicopter strafes favela”. **The guardian**, Reino Unido, 21/06/2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jun/21/brazil-latest-death-teenager-favela-raid-police-marcus-da-silva>. Acesso em: 03 Set. 2020.

RIBEIRO, Geraldo. “Pais de adolescente morto na Maré vão processar o Estado”. **Extra**, Rio de Janeiro, 21/06/2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/pais-de-adolescente-morto-na-mare-vaio-processar-estado-22806546.html>. Acesso em: 03 Set. 2020.

SOARES, Rafael. “Em janeiro, Rio registra 66 mortes em operações policiais”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02/02/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/em-janeiro-rio-registra-66-mortes-em-operacoes-policias-22356643>. Acesso em: 03 Set. 2020.

VETTORAZZO, Lucas. “Menino morto na Maré foi atingido pelas costas, diz laudo da perícia”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22/06/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/menino-morto-na-mare-foi-atingido-pelas-costas-diz-pericia.shtml>. Acesso em: 03 Set. 2020.

ZAMIN, Angela. “Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão”. **Revista Famecos**, v. 2, n. 3, Porto Alegre, p. 918-942, set./dez.2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551017008.pdf>. Acesso em: 03 Set. 2020